

# revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL



O TRABALHO DA MÃE muitas vezes se afigura, aos seus próprios olhos, sem importância. Raras vezes é apreciado. Pouco sabem os outros de seus muitos cuidados e encargos. Seus dias são ocupados com uma série de pequeninos deveres, exigindo todos paciente esforço, domínio de si mesma, tacto, sabedoria e abnegado amor; todavia ela não se pode vangloriar do que fez como de algum importante feito. Fez apenas com que tudo corresse suavemente no lar; muitas vezes fatigada e perplexa, esforçou-se por falar bondosamente às crianças, mantê-las ocupadas e satis-

feitas, guiar os pequeninos pés no caminho recto. Sente que nada fez. Assim não é, entretanto. Anjos do céu observam a fatigada mãe, notando suas responsabilidades dia a dia. Seu nome pode não ser ouvido no mundo; acha-se, porém, escrito no livro da vida do Cordeiro.

Existe um Deus em cima no céu, e a luz e glória do Seu trono repousam sobre a fiel mãe enquanto ela se esforça por educar os filhos para resistirem à influência do mal. Nenhuma outra obra se pode comparar à sua em importância. Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem, como o escultor, de cinzelá-la no mármore. Não tem, como o escritor, de expressar um nobre pensamento em eloquentes palavras, nem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. Cumpre-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma humana a imagem de Deus. — E. G. White, O Lar, pág. 18.

# O Preço da Honradez

Há certas palavras e expressões que se podem ler cem ou mil vezes e sempre parecem novas e frescas como a água de um manancial. É o que ocorre precisamente com as que encontramos no livro «Educação». Diz um parágrafo: «A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que se não comprem nem vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos, homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exacto; homens cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é recto, ainda que caiam os céus.» (Educação, pág. 57).

Perante a tremenda decadência moral de que sofre o mundo, diante dos problemas, das tentações e do pecado a que estamos sujeitos constantemente, fazem falta homens e mulheres que não receiem pagar o preço da honradez. Hoje, parece que os princípios cristãos foram completamente esquecidos. A lei de Deus é como letra morta. De facto, para muitos o é, pois não lhe prestam a menor atenção. Até mesmo se a alguns que se dizem cristãos lhes fosse pedido para recitarem os Dez Mandamentos do Decálogo Divino, poucos seriam capazes de fazê-lo. Com ideias tão confusas sobre a lei de Deus, compreende-se que cada ser humano estabeleça a sua própria norma, sua própria lei. Cada um toma a sua medida, que nem sempre é a que está certa. Assim, a vida torna-se um mercado, em que cada um trata de sacar o que mais lhe convém, e daí talvez o se afirmar que todo o homem se compra e se vende. É tudo uma questão de preço. Talvez haja sarcasmo nesta afirmação, mas também verdade! Quantos homens há que por dinheiro fazem, seja o que for!

Alguém disse: «Ter carácter — quer dizer, ser-se insubornável e firme pela verdade e a liberdade, possuir varonia — é um luxo mais valioso que ter talento, dinheiro ou elegância».

Alguns têm uma ideia muito pálida do que é a honradez. Quantos há que apoiam homens em que não têm confiança! Fazem-no pelas vantagens que daí advêm. Sacrificam a consciência no altar da conveniência. São aqueles que, para crescer, recorrem à torpeza moral. Os que, para receberem louvores, dão lisonjas. São os que bus-

cam pães e peixes, como aquele homem que foi um dia a Jesus para averiguar se eram muitos os que criam em Sua doutrina. Se fossem muitos, significava que o movimento de Cristo iria triunfar redondamente; então ele queria estar com eles e chamar-se-ia cristão. Mas sem essa segurança, ficaria como estava. A honradez deve levar-nos a viver de acordo com os elevados princípios da verdade, ainda que surjam desvantagens materiais, perdas de comodidade ou de posição. Mas a consciência, em troca, manterá a sua integridade.

Hoje o ser humano não se atreve a chamar ao pecado o nome correspondente. Em vez de o eliminar, adorna-o, dissimula-o, ou dá-lhe outro nome. A consciência vive como que adormecida por meio de muitos tranquilizantes que se ingerem.

Reconheçamos lealmente que não é fácil termos honra. O contacto entre os seres humanos, em nossos dias, não se faz numa base de confiança mútua, de integridade e honra. No terreno do espírito e do carácter circula muita moeda falsa... Por exemplo, seria como se de novo voltássemos ao antigo conceito de que um roubo não é roubo, a não ser que se descubra. Hoje não se é desonesto a não ser que isto se torne evidente. Há sempre maneira de dar ao mal uma aparência de bem. A corrente actual é tão enganadora, que não deixa de abranger uma grande percentagem de crentes que possivelmente são considerados dentro da igreja, mas que fora são bem diferentes, talvez iguais aos não religiosos.

Ainda que sacrifiquemos qualquer vantagem material, ainda que nos julguem mal, mantenhamos a nossa posição e cumpramos honradamente as nossas obrigações para com Deus, para com os nossos semelhantes e para conosco mesmos. Só o Todo-Poderoso poderá ajudar-nos a possuir a verdadeira honradez. Por isso devemos estar sempre perto d'Ele. Devemos respeitar as Suas leis, que são a norma da honradez, e devemos manter-nos unidos a Ele por meio da oração. Se o fizermos, seremos leais ao dever como a bússola o é ao pólo, e estaremos ao lado da justiça, ainda que os céus caiam.

A. Baião

## SUMÁRIO

O Trabalho da Mãe  
O Preço da Honradez  
Mãe!  
O Sábado é Santo  
«Que Farei de Jesus Chamado Cristo?»  
Porque Sou Vegetariano  
Apelo da Itália  
Notícias do Campo  
Caixa de Perguntas  
Beije-a

**revista**  
**adventista**

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

MAIO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 344

Director:  
ERNESTO FERREIRA

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO  
S. A. R. L.

Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
SACAVÉM

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

### Preços:

Assinatura Anual: 50\$00  
Número avulso 5\$00  
Estrangeiro 70\$00

# Mãe!

Cada mulher que nasce traz latente  
o instinto de ser Mãe talvez um dia;  
e quando  
a mocidade vem, no gesto brando  
de um beijo, iluminar a sua fronte,  
retendo um sonho aceso do horizonte, —  
é tão profundo o anseio que ela sente  
de embalar um filhinho nos seus braços  
e encaminhá-lo nos primeiros passos,  
que do seu ser um halo se irradia,  
e o seu olhar, do Amor reflecte o brilho  
no instante em que, sorrindo, diz: — «Meu filho!»

Depois, são mil carinhos e desvelos  
a encher-lhe a vida toda e o coração;  
na descendência, almeja ter modelos  
de bondade, virtude e perfeição.

A Mãe guarda a esperança; o mau momento  
de um filho ingrato, olvida; em seu alento  
destila a mágoa em preces de perdão ...

Qual centelha de fé, sua alma pura  
faz milagres, com rosas de ternura;

sua oração  
é essência que em volutas ganha o Céu,  
para descer — na graça diamantina,  
translúcida e divina —  
sobre o delírio vão do filho incréu.

E quando a prole traz acrisolado  
o espírito, vencendo a luta e a vida —  
ela, num voto augusto e sublimado,  
em lágrimas, feliz, aos pés de Deus  
agradecendo as bênçãos sobre os seus,  
humilde e recolhida,  
tem no semblante a auréola da ventura  
que a transporta da Terra e a transfigura.

Porque — ser Mãe é ter o seio imerso  
na Força Criadora do Universo;  
ou mesmo fazer da alma um holocausto  
e tormentos sem par beber num hausto,  
para ascender gloriosa, e bendizer  
o ser amado, entranha do seu ser;

ser Mãe é ter no coração erguida  
a cruz da Redenção: Martírio e Vida;  
é abismar-se num caos de angústia e dor,  
vendo a luz do infinito em seu Amor!

Maria Stella Quirino Marchini

# O SÁBADO É SANTO



## O Sábado foi uma dádiva de Deus

QUANDO Jesus disse aos Seus críticos caviladores — os quais discutiam sobre a observância do sábado — que «o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado», chamou-lhes a atenção para dois factos fundamentais pertinentes ao sétimo dia e sua guarda. Esses factos conduzem-nos ao princípio das coisas, quando Deus criou o homem e instituiu o sábado.

Primeiro, o sábado foi uma dádiva de Deus ao homem, sabiamente provida para ir ao encontro das suas necessidades físicas e espirituais. Segundo, a sua observância jamais visava ser um fardo, como os judeus e seus co-religionários a tornaram. Foi planeada para que se tornasse uma revigorante e fortalecedora experiência semanal, proporcionando a satisfação duma vida plena. Como Deus foi sábio e bom! Depois de prover tudo para as necessidades materiais do homem, fê-lo também para as suas necessidades espirituais.

Para os animais da floresta e os pássaros do ar, todos os dias são iguais. Essas criaturas gastam os seus dias procurando alimento e o que beber para satisfazer as suas necessidades físicas. Dia após dia, e através do ano, dedicam o seu tempo e energia à busca de coisas materiais.

Deus, porém, fez o homem diferente dos animais. Ele não devia levar uma existência meramente física e terrenal. A semana do homem tem o seu clímax no sábado, um dia para conservar

vívida na sua alma a consciência de que é um filho de Deus, portador da imagem d'Aquele que o criou.

“Deus viu que um repouso era essencial para o homem, mesmo no Paraíso. Ele necessitava pôr de lado os seus próprios interesses e ocupações durante um dia dos sete, para que pudesse de maneira mais ampla contemplar as obras de Deus, e meditar no Seu poder e bondade. Necessitava de um sábado para, de maneira mais vívida, o fazer lembrar-se de Deus, e para despertar-lhe gratidão, visto que tudo quanto gozava e possuía viera das benignas mãos do Criador”. — **Patriarcas e Profetas**, pág. 31.

### Se o pecado não tivesse entrado

Não fora a intromissão do pecado, e toda a raça humana teria persistido correctamente na venturosa observância sabática, e o mundo hoje seria habitado por observadores do sábado. Sob a orientação divina, Adão e Eva haviam estabelecido o padrão quanto à guarda do sábado. Fosse o modelo seguido fielmente, e não haveria hoje a guarda de outros dias, e nem se teria o homem tornado tão imerso no prazer e negócios comerciais, ao ponto de esquecer o seu Criador.

A entrada do pecado de modo nenhum alterou o plano e propósito originais de Deus quanto à ob-

servância do sábado. Na Sua providência, esta importante instituição tem subsistido à destruição que o pecado forjou. Agora a lealdade ao sábado divino é mesmo mais significativa do que quando o dia foi primitivamente outorgado aos nossos primeiros pais. Quando o próprio Senhor escreveu o mandamento do sábado para os habitantes da Terra, procurou projectar ao redor do dia determinadas salvaguardas, e propiciar orientações sobre a sua observância, ambas tão necessárias para o homem.

A importância da guarda racional e fiel do sábado é facilmente vista através duma cuidada leitura do mandamento sabático. A singularidade deste preceito não consiste em ser ele o mais importante dos dez, pois todos são igualmente importantes, mas na forma em que foi outorgado, prevenindo qualquer esforço da parte do homem para o minimizar ou restringir a sua aplicação ou significado. Quão auspicioso é que isto tenha sido feito, porquanto hoje vemos que todas estas tendências se têm desenvolvido.

### Mais do que uma leitura ocasional

O quarto mandamento merece mais do que uma leitura ocasional. Mesmo a primeira expressão "Lembra-te" pretende chamar a atenção e dirigir a mente em torno do sábado e dos grandes feitos ligados a este dia especial, aos quais se dá geralmente tão pouca consideração.

"O Senhor inicia o quarto mandamento com esta expressão: 'Lembra-te'. Previu Ele que, em meio de cuidados e perplexidades, o homem seria tentado a eximir-se à responsabilidade de satisfazer todos os reclamos da lei, ou esquecer-se da sua sagrada importância. Por isso, diz: 'Lembra-te do dia de sábado para o santificar'". — **Testemunhos Selectos**, Vol. 3, pág. 20.

O Senhor desejava que o sábado fosse observado racional e cuidadosamente. Ao dar este mandamento, Ele usou mais palavras do que em qualquer dos outros. A maioria dos outros mandamentos são breves, consistindo três deles de apenas duas palavras cada um. O quarto, porém, na nossa versão em português, compõe-se de aproximadamente cem palavras. O mandamento diz-nos especificamente qual dos sete dias da semana é o sábado, quem o instituiu, quando e porque foi estabelecido, quem guardou o primeiro sábado, e como deve ser observado. Tudo isto, bem como os assuntos afins, deve ser **lembrado**. Notemos alguns dos pontos específicos, lembrados no mandamento, dos quais devemos lembrar-nos.

1. Primeiramente devemos lembrar-nos de que é um dia santo e não deve ser profanado pelo uso de qualquer das suas partes em trabalho ou negócios humanos. Toda a actividade própria do homem deve ser executada nos seis dias precedentes. Isto requer atenção e planeamento diligente. No Oriente, um fiel e próspero comerciante adven-

tista do sétimo dia tem placas de bronze afixadas na parede, em vários sítios bem visíveis, declarando que nenhum negócio é realizado durante o sábado. Consequentemente nenhum vendedor aparece durante o sábado com os seus produtos, nem faz entregas com o camião. O sábado é reconhecido pela fábrica e pelas suas várias centenas de empregados.

2. Devemos lembrar-nos de que «o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus». Esta clara asserção nunca foi mudada ou modificada. A menos que Deus designe claramente outro dia sem ser o sétimo, o seguidor do Senhor não tem nenhuma opção senão observar o dia da semana que Deus abençoou e santificou.

3. O guardador do sábado deve ter em mente até que ponto se estende a sua responsabilidade quanto à observância do sétimo dia. Ele mesmo não deve fazer nenhum trabalho nesse dia, nem o seu filho, a sua filha, o seu servo, a sua serva, o seu animal, nem o estrangeiro que está dentro das suas portas. A sua responsabilidade estende-se tanto quanto a sua autoridade.

"O observador do sábado não pode ter ao seu serviço, pagos com o seu dinheiro, homens para trabalhar no sábado. (...) Os negligentes na observância do sábado sofrerão grande perda". — **Evangelismo**, pág. 245.

4. O guardador do sábado necessita lembrar-se de que, através da palavra expressa de Deus, o mundo e tudo o que nele existe foi trazido à existência em seis dias literais; nas palavras do mandamento, "em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há". O observador do sábado deve ser um criacionista. Não pode aceitar a teoria evolucionista das origens. Lembra-se e ergue os olhos para o alto, e reconhece Deus como Criador de todas as coisas. Isa., 40:26.

5. Precisamos lembrar-nos do próprio exemplo do Senhor no que se relaciona com a guarda do sábado. Neste aspecto, o que deseja que lembremos está evidente nas expressões que Ele introduzira no mandamento do sábado: "descansou no sétimo dia; portanto, abençoou o Senhor o sétimo dia e o santificou".

### Uma ordem compreensível

Que declaração racional quanto ao sábado nos deu o Senhor no quarto mandamento! Da leitura deste preceito entendemos a história do sábado, o seu significado para quem o observa, como deve ser observado, e entendemos que a responsabilidade de quem o guarda se estende a todas as posses e domínios. Não é difícil entender que, nesta época de indiferença humana para com o Criador, há uma necessidade especial de fiéis observadores do sábado, bem como de uma clara proclamação da verdade quanto ao mesmo.

"A questão do sábado será o ponto controverso no grande conflito final em que o mundo inteiro

há-de ser envolvido. (...) Devemos mostrar-lhe [ao povo] no que importa trazer o sinal do reino de Deus ou do reino da rebelião, porque cada qual se reconhece súbdito do reino cujo distintivo aceita. Deus chamou-nos para desfraldar o estandarte do Seu sábado, que está sendo calcado a pés. Que importância tem, pois, que o nosso exemplo de guardar o sábado seja correcto!" — **Testemunhos Selectos**, vol. 3, pág. 19.

Aqueles que, dentre nós, são guardadores do sábado há meio século ou mais, podem recordar como os nossos primeiros adventistas eram mais cuidadosos com respeito ao sábado. A sexta-feira era o dia de preparação. Podia-se quase sentir a santidade do sábado, quando este começava nesses lares adventistas. Toda a família estava pronta e reunida para, com hinos, leitura e oração, dar as boas-vindas ao sábado. Lembramo-nos perfeitamente de que era muito raro não se ver este quadro da sexta-feira à tarde nos lares adventistas. E essa mesma diligência prevalecia durante as horas sabáticas. Eles não eram extremistas na observância do sábado. Estavam, porém, ansiosos e zelosos por guardar o dia de Deus e receber as bênçãos prometidas.

Chegaram-lhes, da mensageira do Senhor, proveitosos conselhos quanto à observância do sábado, os quais prezavam e se esforçavam por atender. Um deles apareceu há aproximadamente cem anos e encontra-se em **Testemunhos Selectos**, vol. 1, págs. 279 e 280, sob o título **Como Guardaremos o Sábado?** É um capítulo que fornece conselhos práticos sobre como deveríamos tornar a guarda do sábado um deleite e uma experiência feliz. "Para santificar o sábado, não é necessário encerrar-nos entre paredes, afastados das belas cenas da Natureza e do ar livre e revigorador do Céu. (...) Numa parte do dia, todos devem ter a oportunidade de ficar ao ar livre.

"Devemos tornar o sábado tão interessante para a nossa família que a sua volta semanal seja saudada com alegria». — **Idem**, pág. 281.

Nas páginas 289 e 290, vem este conselho prático: "Ao começar o sábado, devemos pôr-nos de guarda a nós mesmos, a nossos actos e palavras, para que não roubemos a Deus, aproveitando-nos para nosso próprio uso daquele tempo que pertence estritamente ao Senhor. Não devemos fazer nós mesmos, nem permitir que nossos filhos façam qualquer espécie de trabalho pessoal que constitua nosso meio de vida, ou qualquer coisa que poderia ter sido feita durante os seis dias de trabalho".

A esta penetrante censura, acrescentaremos ainda as seguintes palavras: "Deus requer, não somente que nos abstenhamos do trabalho físico no sábado, mas que a mente seja disciplinada de modo a pensar em temas santos. O quarto mandamento é virtualmente transgredido mediante o conversar-se sobre coisas mundanas, ou leves e frívolas". — **Idem**.

Outro conselho muito proveitoso aparece também em **Testemunhos Selectos**, vol. 3, pág. 20: "Durante toda a semana cumpre-nos ter em mente o sábado e fazer a preparação indispensável, a fim de observá-lo conforme o mandamento". Um pequeno acréscimo a estas palavras: "Na sexta-feira deverá ficar terminada a preparação para o sábado. Tende o cuidado de pôr toda a roupa em ordem e deixar cozido o que houver para cozer. Escovai os sapatos e tomai o vosso banho. É possível deixar tudo preparado, se se tomar isto como regra". — **Idem**, pág. 22.

Urge que sejamos cuidadosos quanto aos limites do sábado e nos lembremos de que cada momento é sagrado, é tempo santo. Na mesma página aparecem estas palavras: "Neste dia todas as divergências existentes entre irmãos, tanto na família como na igreja, devem ser removidas». Urge que observemos o sábado na mente assim como no corpo: "Antes de começar o sábado, tanto a mente como o físico devem desembaraçar-se de todos os negócios seculares". — **Idem**, pág. 23.

Se estivermos inclinados a destinar parte do sábado para dormir, eis aqui um pouco de advertência restritiva: «Não deveis perder as preciosas horas do sábado, levantando-vos tarde". — **Idem**. Há também uma advertência sobre as refeições demasiado grandes no sábado: "Não devemos, no sábado, aumentar a quantidade de alimento ou preparar maior variedade do que noutros dias". — **Idem**. Quanto às viagens no sábado: "Temo que muitas vezes empreendamos nesse dia viagens que bem poderiam ser evitadas". — **Idem**, pág. 26.

Toda esta instrução e muito mais nos é dada, não para que o sábado se torne incómodo, mas para nos levar a uma mais profunda e enriquecedora experiência. "Neste dia, mais do que em qualquer outro, é-nos possível viver a experiência do Éden". — **Educação**, pág. 250.

Não deveríamos nós, como observadores do sábado, novos e velhos, examinar cuidadosamente a nossa prática da observância sabática e ter a certeza de que não estamos perdendo as bênçãos que podem ser nossas? "Santificar o sábado ao Senhor importa em salvação eterna". — **Testemunhos Selectos**, vol. 3, pág. 23.

Ao Seu povo observador do sábado, antigamente o Senhor enviou esta mensagem, que é uma boa advertência hoje: "Se desviares o teu pé de profanar o sábado, e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia, mas se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da Terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacob; porque a boca do Senhor o disse". — **Isa.**, 58:13 e 14.

(Da "Revista Adventista" do Brasil, Dez. 1974)

# «Que farei de Jesus chamado Cristo?»

(Conclusão)

## IV — Como interpretaram os pensadores posteriores todas estas declarações?

Precisamos compulsar a História do Cristianismo, cuja leitura amena é de aconselhar a todos. Narra ela:

Logo que Jesus saiu do mundo, a Congregação Cristã defrontou-se com as Religiões Judaica, Politeísta e as Escolas Filosóficas (Ver Actos 17:15-34).

Até dentro dela apareceram imediatamente quatro correntes de opiniões doutrinárias: a dos Paulicianos (a que deveremos chamar Ortodoxa), a dos Judaizantes, a dos Ebionitas e a dos Nazarenos. Os Ortodoxos eram os que seguiam os ensinamentos apostólicos tal como descritos no Novo Testamento, cujo principal escritor é S. Paulo. Pela Epístola aos Gálatas somos informados da polémica com os Judaizantes. Sobre os Ebionitas — cujo significado é «Pobres» — diz a História que eram um grupo de Judeus-Cristãos muito ligados à Lei Cerimonial: circuncisão, desfrança de alimentos, tradições rabínicas. Observavam rigorosamente a guarda do Sábado. Não admitiam o que S. Paulo ensinava sobre a Lei Cerimonial e consideravam-no como um apóstata judeu. Distinguiam-se dos Judeus ortodoxos em que consideravam Jesus como o Messias predito pelos Profetas, mas simples homem que fora cheio do Espírito Santo no acto do baptismo e então se tornara no Filho de Deus. O seu livro básico era o Evangelho dos Hebreus, embora não rejeitassem os outros quatro. Foram considerados como cristãos autênticos até aos fins do século II. Mas antipatizavam e hostilizavam os cristãos de origem pagã e desta maneira se afastaram gradualmente deles, até serem considerados como heréticos, quando a grande maioria da cristandade-pagã manifestava repulsa por tudo quanto cheirasse a Judaísmo. Os Cristãos-Nazarenos eram também de origem judaica, praticantes da circuncisão e portanto respeitadores da Lei Cerimonial. Muito crentes na vinda próxima do Milénio, observadores escrupulosos do Sábado. Aceitavam Jesus como Messias mas rejeitavam todas as explicações sobre a Sua natureza divina. Não eram antagónicos aos cristãos-pagãos e por isso

foram tolerados na Igreja até ao século IV. Deles dizia S. Jerónimo, que muito apreciava a sua mútua fraternidade: «Querendo ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, de facto nem eram judeus nem cristãos».

Julgamos escusado falar dos Politeístas. Nem gastaremos espaço a escrever sobre os inúmeros núcleos cristãos do Cristianismo nos dois primeiros séculos, à procura de doutrinas secundárias que os pudessem incompatibilizar.

Sobre Escolas Filosóficas em que se discutiam assuntos religiosos eram muitas e alguns dos seus Mestres deram explicações sobre a origem do Universo e do Mal físico e moral. Quando lemos Platão, verificamos que Sócrates, por exemplo, não estava muito distanciado de Cristo na Moral.

Enquanto a Fé Cristã recrutou os seus membros nas classes modestas, quanto à riqueza e inteligência, do mundo do Século I, não se preocupou nada com explicações filosóficas que olhava com desdém e até anatematizava. O que aliás ainda hoje acontece quando as Denominações iniciam os seus primeiros passos: começam por desdenhar da Inteligência para, ao crescerem em número e riqueza, finalmente organizarem Universidades em que se estuda a Filosofia! Em contrapartida, os Filósofos olhavam com desprezo os movimentos religiosos no início mas acabavam por se aproximar deles quando alcançavam proporções de número, poderio e riqueza, não como discípulos dóceis mas como Mestres, porque «em terra de cegos quem tem um olho é rei». Foi assim que se formou dentro do Cristianismo uma corrente filosófica conhecida por **Gnose** (ou Ciência Avançada) e passou a haver os gnósticos (ou iniciados na ciência) e os não-iniciados, analfabetos ou semi-analfabetos. Em Actos 8:9, logo de início apareceu um tal Simão, propagandista de «artes mágicas», grande personagem em Samaria, a querer ser admitido na Igreja, por processo pouco recomendável. Que não foi ele o único prova-se pela advertência de S. Paulo em Col. 2:8 e de S. João em Apoc. 2:6. A Gnose foi mantida em respeito até meados do século II, mas a seguir a corrente avolumou e dividiu-se em vários ramos. No Egipto, onde florescia a

filosofia grega, a Igreja recebeu a interferência destas escolas no seu corpo doutrinário. O que elas não disseram sobre doutrina e moral cristãs, como se lê na História do Cristianismo! Nesta altura, porém, os Cristãos possuíam, como autoridade máxima, todos os escritos da Bíblia actual e as ideias fantasistas dos gnósticos tinham de contar e pôr-se de acordo com as afirmações das Escrituras. Os tais crentes não-iniciados na Filosofia derrotavam os «sabichões» com uma pergunta muito simples que ainda hoje é arma potente: «Onde é que na Bíblia está isso escrito e ordenado?»

Os Cristãos primitivos não surgiram em mundo em que o Ateísmo tivesse preeminência. Pelo contrário viveram em mundo de religiosidade acervada, entre pagãos e judeus. Por isso não se preocuparam em procurar provas da existência de Deus. Tiveram apenas de procurar demonstrações de que só podia haver um Deus, destinadas aos dois principais grupos de oponentes: pagãos politeístas e filósofos gnósticos que admitiam dois Deuses: um superior e outro inferior, que criara e dirigia o universo dos visíveis. Estas demonstrações variavam segundo os eruditos cristãos.

Foram também obrigados a definir o que compreendiam por Deus, se tinha corpo, se estava localizado, quais os Seus atributos metafísicos e morais, etc. Gastaram tempo e tinta a demonstrar como era que um Deus imutável podia mostrar amor, ódio, espírito vingativo — resultados da mutabilidade humana — expressos em muitas frases da Bíblia. Os espíritos pensantes e por isso exigentes, chamados ao Cristianismo, assediavam os Evangelistas de perguntas sobre a personalidade daquele Jesus que a Si mesmo atribuía qualidades de Ungido de Deus (Messias), Filho de Deus, Filho do homem, que já no Seu tempo fora acusado de se proclamar Deus, o que Ele repudiava ao dizer: «Meu Pai é maior do que eu» (João 14:28). Por isso S. Pedro, ao discursar cautelosamente perante o povo de Jerusalém, dizia: «Jesus de Nazaré, **varão aprovado** por Deus entre vós com maravilhas (...) no meio de vós, como sabeis (...) Deus o fez Senhor e Cristo (Messias)» (Act. 2:22 e 36). Seria Jesus Deus? Haveria dois Deuses? Como explicar que dois entes distintos formavam um só Deus? Poderia Deus morrer na cruz? Etc.

Seria preciso livro volumoso para condensar as respostas diversas a estas tantas outras perguntas, dadas pelos mais ilustres expoentes cristãos, através dos séculos, até aos nossos dias em que a polémica continua. Com efeito o que divide a Igreja de Roma da Igreja Ortodoxa é a polémica sobre a Trindade. Entre Protestantes há organizações dissidentes sobre a Trindade, como os nossos conhecidos Testemunhas de Jeová.

Nos três primeiros séculos da nossa Era, o Cristianismo conquistou o mundo civilizado e até o bárbaro no Norte da Europa e na Ásia. O Poli-

teísmo greco-romano desmoronou-se. Mas as dificuldades de intercomunicação separavam as Igrejas distanciadas e as polémicas de umas não eram seguidas pelas outras. A Igreja não tinha uma direcção única, não havia uma única Denominação Cristã. Estava dividida em Igreja de Roma ou do Ocidente, Igreja de Constantinopla, do Egipto, da Etiópia, do Norte de África, etc. Era inevitável que os seus Credos acabassem por ensinar doutrinas diferentes, a tal ponto que os crentes de uma podiam considerar como hereges os crentes das outras.

Nos princípios do século IV, quando Constantino subiu ao trono do império e quis unificar estreitamente tantos povos diferentes em uma só política, para o que contou com o apoio da Igreja Cristã que ele favorecera, sofreu grande desilusão ao ver que não havia tal Igreja unida mas várias desunidas em que nem a ideia de Deus era a mesma! Teve contudo a ideia de as unificar. Por conselhos do Bispo Eusébio de Cesareia e do Bispo Ósio de Córdova, resolveu convocar um Concílio Geral em Niceia onde fossem discutidas as doutrinas e se decretasse um Credo unificado. O tesouro imperial pagaria as despesas de transporte e manutenção dos componentes do Concílio, que se reuniu em 325 A. D. Apresentaram-se 318 Bispos, acompanhados de numerosos eruditos teológicos. Silvestre, Bispo de Roma, não compareceu mas enviou dois dos seus sacerdotes. Três eram os partidos dos Bispos: um que tinha por chefe o Patriarca Alexandre de Alexandria que se fez acompanhar por Atanásio, diácono moço, grande dialéctico que mais tarde se evidenciou na polémica da Divindade; outro dirigido pelo sacerdote Ario, oponente máximo de Alexandre e da sua doutrina; um terceiro, o da maioria, sob a orientação de Eusébio de Cesareia, que opinava a necessidade de não entrar em fórmulas complicadas na definição da geração incompreensível do Filho de Deus.

Iniciaram-se os trabalhos com a presença do Imperador Constantino, ocupando a presidência Eusébio de Cesareia. O Imperador fez um discurso inaugural em que pediu a todos que pusessem de lado as suas discórdias e tratassem de discutir e definir uma doutrina unitária sobre a Divindade.

Dada a palavra a Ario este expôs a sua maneira de ver: se Cristo fora engendrado ou gerado por Deus Pai, nem Deus fora Pai antes de engendrar o Filho, nem este fora Filho antes de ser engendrado pelo Pai; logo, Cristo não era eterno e por isso era um ser criado. Muito menos Cristo podia ser Deus por natureza própria e, como ser criado, não podia ser imutável. Fora sem dúvida o primeiro ser criado por Deus e, por Ele, fora criado o mundo visível. Como ser criado possuía a liberdade de ser bom ou mau. Mas Deus desde o início sabia que Ele quererá permanecer bom e, por isso, Lhe comunicou no momento da Sua criação a glória celestial.

Alexandre repetiu a sua doutrina que era a eternidade do Filho e até das três pessoas da Trindade.

Para acalmar as disputas que se seguiram, Eusébio propôs que fosse adoptado o Credo da sua Igreja de Cesareia:

#### Credo de Cesareia

«Cremos em um único Deus, onnipotente, criador de todos os entes visíveis e invisíveis. E em um único Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, luz de luz, vida de vida; Filho único, primogénito de toda a criação, engendrado do Pai antes de todos os séculos, pelo qual tudo foi feito, incarnou para nossa salvação, habitou entre os homens, sofreu, ressuscitou ao terceiro dia, subiu para junto de Seu Pai e voltará em Sua glória para julgar os vivos e os mortos. Também cremos em um Espírito Santo.»

Este credo satisfazia a maioria. O Imperador inclinava-se pela sua aceitação. E até Ario nada via nele que contradissem explicitamente as suas opiniões. Quem não ficou satisfeito foi Alexandre e o seu partido que desejavam ver Ario condenado como herege. Ósio de Córdova, partidário de Alexandre, muito influente no espírito do Imperador, fez intrigas contra Eusébio e outros Bispos moderados a quem acusou de serem adversários políticos de Constantino e que aprovar um Credo que fosse aceite pelos Arianos era dar azo à prolongação das polémicas. Era preciso redigir um Credo que tivesse a condenação explícita das doutrinas arianas e o termo de «consustancial» que os Arianos rejeitavam. Constantino, que podia perceber muito de estratégia militar mas nada de teologia, exigia que esse termo de «consustancial ao Pai e proveniente da Sua substância ou essência» figurasse no Credo a redigir. Não se dava conta que tal termo, além de não existir na Bíblia, parecia indicar que o Filho se destacara da substância de Deus e, portanto, a Sua geração se assemelhava à dos mortais. Os partidários deste termo tiveram de explicar ao Concílio que «consustancial» queria apenas dizer que era uma **semelhança** perfeita com o Pai e que não fora feito de qualquer outra substância. Entre as Pessoas da Divindade não havia uma relação de igualdade mas só de semelhança, de homogeneidade. Esta explicação era um simples subterfúgio contraditado pelo significado da palavra e depois se viu que deu motivo a infundadas polémicas. Mas o Imperador deu as suas ordens ao Concílio que, por amor à paz, concordou por vasta maioria que se redigisse nos seguintes termos o

#### Credo de Niceia

«Cremos em um único Deus onnipotente, criador de todos os entes visíveis e invisíveis. Em um único Senhor Jesus Cristo, Filho único de

Deus, engendrado do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, engendrado e não feito, **consustancial ao Pai**, por quem foram feitas todas as coisas que estão no Céu e na Terra, que por nós homens e para nossa salvação desceu do Céu, incarnou, estagiou entre os homens, sofreu, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, donde virá julgar vivos e mortos. E (cremos) no Espírito Santo.»

«Quanto aos que dizem que houve um tempo em que Ele não existia, que não existiu antes de ser gerado, que o Filho de Deus foi feito do nada ou que Ele seja de outra hipótese ou essência, ou criado, ou sujeito à mutabilidade ou mudança, a Igreja Católica os anatematiza.»

É de ver que este Credo omitiu a frase do de Cesareia «primogénito de toda a criação», inseria o «consustancial» ao Pai e «engendrado da substância do Pai». Anatematiza todas as frases predilectas dos Arianos. Posto à votação, 17 Bispos arianos votaram contra. Foram logo ameaçados pelo Imperador com o exílio. O seu número desceu logo para 5: Ario foi banido para a Ilíria, dois para a Galácia, outros dois para a Gália. Foi dada ordem para queimar todos os livros de Ario e condenaram à morte quem ousasse reter algum. Foram enviadas epístolas às Igrejas, escritas por Ósio, segundo se diz, em termos injuriosos contra Ario. Houve festas públicas e banquetes em Niceia.

A verdade porém, é que, em vez da unidade desejada, deste Credo surgiram logo grandes discordâncias porque os partidários do Patriarca Alexandre, que se arrogavam de ortodoxia, passavam a sublinhar os termos de «consustancial ao Pai», «da mesma substância do Pai» e que, portanto, o Filho não só era semelhante ao Pai mas também perfeitamente idêntico a Ele, com os mesmos atributos essenciais, como a eternidade e a imutabilidade. De resto, consustancial — termo não existente em toda a Bíblia — era termo filosófico que indicava a mesma natureza e as mesmas propriedades essenciais. Os Bispos moderados, que tinham aprovado o Credo na ideia que consustancial devia ser interpretado no sentido de semelhança, sentiram-se logrados e passaram-se para o lado dos Arianos na luta contra os «ortodoxos»! Passados tempos, até o Imperador manifestou clemência a Ario a quem chamou do exílio e que morreu no dia em que deveria ser integrado no sacerdócio. Passado um ano, Constantino morria em 337 A. D. A luta ia continuar no governo de seu filho Constâncio, imperador do Oriente.

Este simpatizava mais com as explicações de Ario do que com as dos «ortodoxos» que eram tão activistas que provocavam a cisão na Igreja e portanto na política imperial. Era preciso voltar

(Continua na pág. 14)

# PORQUE SOU

Alguém me fez um dia, directamente, esta pergunta: «Porque é você vegetariano?» A resposta que então dei, afigura-se-me neste momento em que decidi comunicar ao papel alguns pensamentos sugeridos por esta questão, embora verdadeira, um tanto ilusória: «Porque tenho melhor saúde seguindo esse regime».

Esta resposta revela a mesma falta de maturidade espiritual que se encontra implícita em declarações análogas:

«Guardo os mandamentos para viver um dia eternamente».

«Guardo a lei para ter paz».

«Sigo o caminho de Jesus para viver melhor».

«Pago díizimos para assegurar-me a protecção divina».

«Faço a vontade de Deus para não ser um dia lançado no lago de fogo e enxofre».

Em todas estas frases acha-se, implícita ou explicitamente, a conjunção «para». Esta conjunção indica objectivo, finalidade, intenção. A um nível mais profundo do psiquismo humano esse «para» revela imaturidade espiritual.

É o espírito do comerciante, o espírito da troca: Eu dou alguma coisa, quase sempre com sacrifício («Só Deus sabe quanto me custa»; ou: «só Ele sabe a falta que me faz»), com a esperança de receber, em troca, algo muito mais valioso do que aquilo que dou.

Na base desta imaturidade está a incerteza, a desconfiança.

Talvez ninguém tenha desnudado tão sucintamente o espírito mercantil do que Blaise Pascal, o célebre pensador jansenista do século XVII. Escreveu ele: «Pesemos o ganho e a perda, tomando em conta que Deus existe. Estimemos estes dois casos: Se ganhardes, ganhareis tudo; se perderdes, nada perdereis. Apostai pois que Ele existe, sem hesitar» (2).

O espírito mercantil é repulsivo. Muitos o consideram, porém, um mal necessário. Poucos o repudiam activamente. Gostaria, no entanto, de sugerir que Jesus sempre rejeitou esse espírito. Não tinha parte nele.

Se hoje me perguntassem porque sou vegetariano, responderia sem hesitar que era uma questão de fé.

É evidente que uma tal resposta necessita de esclarecimento.

Segundo a Concordância Bíblica de Strong (3), o termo «fé» aparece 245 vezes nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Duas vezes no

Antigo Testamento (Deut. 32:20, traduzido por «lealdade», em Almeida, e Habac. 2:4), e as restantes no Novo Testamento.

No Novo Testamento a fé é fruto do Espírito Santo (Gál. 5:22), meio de salvação (Efé. 2:8), certeza das realidades espirituais (Heb. 11:1) e, na grande maioria dos casos, lealdade inabalável, confiança absoluta em Deus, ou Cristo (Heb. 11; Luc. 18:42; Mat. 17:20).

Esta atitude de confiança inabalável em Deus, sugerida pelo uso do termo «fé» no Novo Testamento, está claramente definida na seguinte declaração de Ellen White:

«Fé é confiar em Deus, crer que Ele nos ama e sabe melhor o que é para nosso bem. Assim, em vez do nosso próprio caminho, ela leva-nos a escolher o Seu caminho. Em lugar da nossa ignorância, aceita a Sua sabedoria; em lugar da nossa fraqueza, a Sua força; em lugar do nosso pecado, a Sua justiça. As nossas vidas, nós mesmos, já Lhe pertencem; a fé reconhece o Seu direito de propriedade e aceita a Sua bênção» (4).

Segundo esta definição, o que é ter fé?

Ter fé é, em primeiro lugar, uma atitude do coração. É confiar em Deus. Quando esta confiança é entronizada no coração, ela apossa-se da mente — passamos a crer em Deus.

Mas ter fé **não é só crer** em Deus, é «crer que Ele nos ama».

Nenhum de nós, penso, poderia confiar em alguém, crendo que essa pessoa desejasse o nosso mal. Assim a fé crê que Deus nos ama e deseja o nosso bem.

A fé não somente crê que Deus **deseja**, mas que Ele **sabe** o que melhor nos convém.

Quando a fé atinge este estágio, ela leva-nos a **depor** a nossa liberdade de escolha e a **aceitar** a escolha de Deus.

A fé sugere, pois, uma atitude de tal confiança em Deus que sentimos alegria em fazer o que quer que Ele nos disser porque aceitamos que Ele nos ama e sabe melhor o que é para nosso bem.

Ter fé é confiar em Deus sempre que somos confrontados com as Suas revelações, os Seus conselhos, ou os Seus mandamentos. É crer que Deus nos ama e está sumamente interessado no nosso bem-estar pessoal. É não se rebelar contra as palavras de Deus, porque confiamos Nele.

Ter fé é alegrar-se nas revelações de Deus. Aceitar o Seu conselho de forma adulta. Aceitar

# VEGETARIANO (1)

J. Sandoval Melim

a Sua sabedoria. Em vez de nos deixar apreensivos perante as revelações de Deus, a fé leva-nos a aceitá-las com simplicidade porque cremos que Deus nos ama e deseja apenas o que é melhor para nós.

Ter fé é ter desejo de investigar o conselho de Deus. É ansiar conhecer a Sua vontade. É, quando vemos a luz, aproximar-se dela com reverência e, ao mesmo tempo, na alegre expectativa de boas coisas. É saber que o Senhor «não negará bem algum aos que andam na rectidão» (5).

Ter fé é aceitar a sabedoria de Deus em lugar da nossa ignorância quando somos confrontados com verdades que estão em desacordo com a nossa maneira de viver ou de pensar. A fé leva-nos a harmonizar a nossa vida e o nosso pensamento com a verdade de Deus. A fé leva-nos a escolher o caminho de Deus.

Ter fé em Deus é sentir-se seguro apenas quando seguimos o conselho de Deus.

Rebelar-se contra Deus, abertamente ou em segredo, é desconfiar de Deus e, «tudo o que não é da fé (confiança em Deus) é pecado» (6).

Ter fé é encarar os mandamentos de Deus, não como restrições, mas como sugestões benéficas vindas de Alguém que nos ama e sabe melhor do que ninguém o que é melhor para nós.

Ter fé é, finalmente, reconhecer que Deus é o **único** Senhor da minha pessoa.

Um texto da Escritura — Prov. 2:1-5 — levou-me, mais do que nenhum outro, a aceitar a Bíblia como Palavra de Deus. E, quando aceitei a Bíblia como Palavra de Deus, senti uma confiança profunda naquele Livro. Hoje, quando o leio, devido a esta atitude de confiança absoluta, sinto perfeita paz, mesmo perante os textos mais complicados. Posso ler a Bíblia com alegria e aceitar todos os seus mandamentos porque sei que tudo o que Deus me pede é para meu bem presente e eterno.

Tenho a mesma confiança nos escritos de Ellen White que tenho na Bíblia? Sim, a mesma.

A investigação de vários anos levou-me à conclusão de que Ellen White foi inspirada por Deus, tão inspirada como Isaías, Jeremias ou Moisés. Os seus escritos são o produto da inspiração do Espírito de Deus, tanto como os de Ezequiel ou de Daniel.

Não conheço contradições ou diferenças entre os profetas da Bíblia e o Espírito de Profecia.

Tenho plena confiança em tudo o que saiu da pena de Ellen G. White. Sei que Deus falou por

seu intermédio para meu bem presente e eterno. Tenho confiança absoluta no Espírito de Deus, o qual inspirou os profetas, os escritores da Bíblia, e também inspirou Ellen White.

Assim, qual é a condição necessária para que, quando temos fé em Deus, façamos a Sua vontade? Se O amamos, se confiamos n'Ele, se temos aprendido a ter fé n'Ele, então a única condição para fazermos a Sua vontade é **conhecê-la**.

A luz do que fica acima, penso poder agora responder com clareza à pergunta que constitui o título deste artigo: Porque sou vegetariano?

A razão é simplesmente esta: porque Deus falou deste assunto nos seguintes termos:

1. «É-nos dado apenas um arrendamento de vida; e a pergunta para cada um deve ser: 'Como poderei negociar os meus talentos para que possam render o máximo para a glória de Deus e o benefício dos meus semelhantes?' Pois a vida só tem valor quando é usada para atingir estes fins» (7).

2. «Tem-me sido repetidamente mostrado que Deus está a tentar levar-nos, passo a passo, ao Seu plano original — que o homem deve subsistir usando os produtos naturais da terra» (8).

3. «Verduras, frutos e grãos deviam constituir a nossa dieta. Nem um grama de carne devia entrar nos nossos estômagos. O comer carne não é natural. Devemos voltar ao plano de Deus na criação do homem» (9).

4. «É para seu bem pessoal que o Senhor aconselha a igreja remanescente a abandonar o uso da carne, chá, café e outros alimentos nocivos» (10).

5. «Entre os que estão esperando a vinda do Senhor, o comer carne será eventualmente abandonado; a carne deixará de fazer parte da sua dieta. Devemos guardar sempre este alvo em vista e esforçar-nos por caminhar firmemente nesta direcção» (11).

6. «O Senhor deseja levar o Seu povo a uma posição em que não toque nem coma a carne de animais mortos» (12).

7. «A dieta cárnea é a questão séria. Deverão seres humanos subsistir consumindo a carne de animais mortos? A resposta, de acordo com a luz que Deus tem dado é: Não, decididamente não» (13).

8. «Foi-me claramente mostrado que o povo de Deus deve tomar uma posição firme contra o comer carne» (14).

(Continua na pág. 15)

# APELO DA ITÁLIA

## O PRESIDENTE DA UNIÃO SUL-EUROPEIA FALA SOBRE UM DOS PROJECTOS A QUE SE DESTINA O EXCESSO DA OFERTA DO DÉCIMO TERCEIRO SÁBADO QUE A ESCOLA SABATINA RECOLHERÁ NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 1975

HÁ QUASE dois mil anos, Paulo respondeu pela sua fé em Jesus perante o imperador da antiga Roma, mas não sem que antes o seu ministério tivesse resultado em conversões na própria casa de Nero. Ainda que o apóstolo tenha tido que pagar o preço supremo pela sua fé, o exemplo que deu de coragem serviu para inspiração de centenas de mártires que lhe sucederam. Depois, cerca de 400 anos mais tarde, na hora designada por Deus, o reino de ferro foi dividido em consequência dos ataques das hordas dos Bárbaros, e outro poder se levantou, Roma Papal — a fortaleza dos papas e do catolicismo. De novo os seguidores de Deus tiveram que responder pela sua fé, muitos deles, como os primeiros cristãos, dando o seu próprio sangue. Os séculos de perseguição cobraram um pesado imposto na Itália. Os verdadeiros discípulos de Jesus procuraram refúgio em terras mais amigáveis e Roma cerrou os punhos sobre as mentes do povo, tornando difícil cultivar as sementes da verdade. Hoje Roma cristã está a perder o seu impacto. Os italianos já não acreditam na vida depois da morte. Contestando determinados acontecimentos recentes na sua igreja, estão a negligenciar a missa e a abandonar a fé dos seus pais. Confusos e desapontados, procuram respostas, certezas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem a resposta. Além do mais, há uma liberdade sem precedentes para a proclamação das boas novas da bem-aventurada esperança. Mas os adventistas do sétimo dia na Itália são pouco numerosos, menos de 4500 para evangelizar 55 milhões.

Neste país, onde temos em média uma única igreja por cada 8000 quilómetros quadrados e apenas 41 ministros para pastorear os crentes, os colportores-evangelistas desempenham um papel importante no plano geral de anunciar a última mensagem de Deus ao povo. Além do seu ministério diário na salvação de almas, os colportores

penetram numa zona e preparam o território antes de ali se realizar um esforço de evangelização. Assim, lançando cuidadosamente a semente por intermédio da venda de literatura e pelo seu testemunho pessoal, seguem eles o exemp'lo dessas «tropas de choque» adventistas em toda a história da nossa igreja.

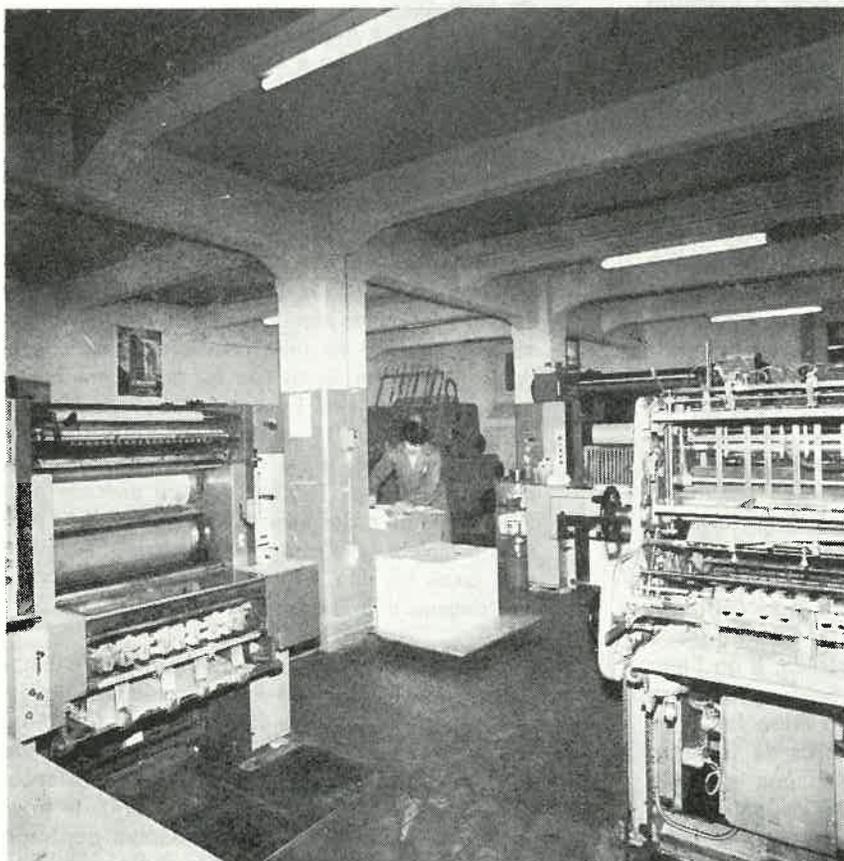
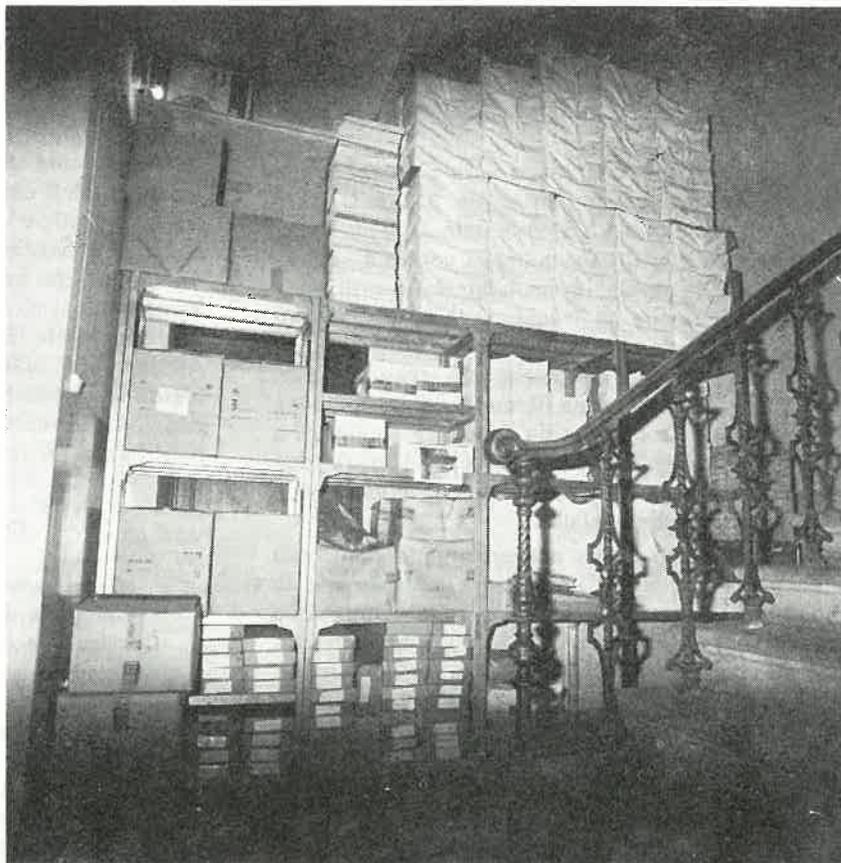
Os 33 valentes colportores-evangelistas italianos dedicam-se activamente ao seu trabalho. Vão de porta em porta com duas excelentes revistas: **Vita e Salute** («Vida e Saúde»), com uma circulação mensal de 55 000 exemplares, e **Segni dei Tempi** («Sinais dos Tempos»), com uma circulação de 5000 exemplares. Há também 30 livros de colportagem diferentes e nove volumes do Espírito de Profecia. Esta literatura é editada na «Casa Editrice L'Araldo della Verità», em Florença. Esta casa editora foi fundada na Itália há 50 anos por uma pequenina igreja com uma grande fé. Instalada ainda no edifício primitivo, apesar de lhe terem sido acrescentadas algumas divisões, a Casa Editrice parece actualmente mais um armazém ou depósito do que um tipografia. Livros, papel, revistas, empilham-se por toda a parte onde se encontra um pequeno espaço aproveitável, tornando difícil o trabalho da tipografia, mas não há possibilidade de se alargarem mais as instalações.

Os nossos livros e revistas são indispensáveis ao trabalho da igreja na Itália. Para fornecer os colportores e membros com os livros de que necessitam, é essencial que se disponha dum edifício mais funcional. Ninguém sabe por quanto tempo as portas continuarão abertas na sede da grande potência que desempenhará um papel decisivo nos últimos acontecimentos da história deste mundo. Ajude-nos a trabalhar enquanto ainda dia.

S. Monnier

## DOIS ASPECTOS DAS ACTUAIS INSTALAÇÕES DA CASA PUBLICADORA ITALIANA

Em cada canto e corredor, por cima e por baixo das escadas, onde exista um pequeno espaço, aí se empilham os livros e o papel. Por não haver mais lugar na publicadora, também se armazena papel nas garagens dos obreiros, ficando os carros destes na rua.



Uma das secções de impressão. Num espaço que não devia acomodar mais de duas máquinas impressoras, existem cinco. Isto dificulta e atrasa imenso o trabalho, porquanto não é possível movimentar rapidamente o papel que deve alimentar as máquinas ao ritmo normal.

# «Que farei de Jesus chamado Cristo?»

(Continuação da pág. 9)

à convocação de Concílios e vários se reuniram, como o de Sárdica, na Ilíria, em 347 A.D. com 300 Bispos ocidentais e 60 orientais. Quando estes viram que o Concílio se inclinava contra a «semelhança» e a favor do «consustancial», retiraram-se para Filipópolis na Trácia, onde se declararam em concílio. Estes dois concílios distinguiram-se pelos anátemas que lançaram um sobre o outro. Resultado: a cristandade ficou dividida em duas separada pela Trácia! Os do Ocidente apoiavam a doutrina de Niceia; os do Oriente a de Ario e dos semi-arianos, unidos estes durante alguns anos contra o «consustancial».

A polémica só podia acabar tirando do Credo o «consustancial» e «a mesma substância». O Imperador Constâncio mandou reunir um novo concílio em Sirmium, em 357 A.D., que concordou em abolir aqueles termos. O próprio Silvestre, Bispo de Roma, no exílio, concordou! Foi ainda preciso reunir novo concílio em Sirmium, em 359 A.D. que aboliu o «consustancial» mas acrescentou que «o Filho era em tudo **semelhante** ao Pai». O partido do «consustancial» não de pôs as armas e a luta continuou até chegar o Imperador Teodósio que mandou convocar o Concílio de Constantinopla em 381 A.D., com 186 Bispos, que discutisse o Credo de Niceia e o completasse no que dizia respeito ao Espírito Santo. Não estava assente se Ele seria ou não Deus. Ficou decidido acrescentar ao Credo de Niceia: «Cremos no Espírito Santo, Senhor vivificador que procedia do Pai, devia ser adorado e glorificado com o Pai e o Filho, que falara pelos Profetas. Cremos em uma Santa Igreja Católica e Apostólica, confessamos um só baptismo para remissão dos pecados, e aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida eterna. Amém.» Como a Igreja do Ocidente deu acordo a este Credo, este Concílio é considerado ecuménico. Os Arianos foram atacados legalmente com as penas mais severas. Parece pois que em resumo o Credo Niceo-Constantinopolitano chegara às seguintes conclusões: um único Deus ou Divindade formada por três pessoas: Pai, Filho gerado do Pai, Espírito Santo **procedente do Pai**, todos da mesma essência divina que deles fazia **um**, mas cada um com a sua propriedade particular e como pessoa distinta: a do Pai não fora engendrada, a do Filho fora engendrada, a do Espírito Santo **procedera** ou fora enviada. A procedência do Filho foi abertamente negada por doutores ilustres do Oriente, como Teodoreto e Teodoro de Mopsuéstia. Além disso considerava-se ainda a ideia de **subordinação** do Filho e do Espírito, o que era negado pelos doutores do Ocidente.

Surgiu finalmente o grande autor norte-africano, Santo Agostinho, que escreveu um livro notável sobre a Trindade em que, baseado sobretudo no Velho Testamento, o Espírito procedia do Pai e do Filho. O Concílio de Toledo em 589 A.D. sancionou esta opinião. Mas no Oriente continuaram a manter que o Espírito só procedia do Pai. É de lembrar que Santo Agostinho asseverou que era mais fácil esvasiar o oceano com uma concha do que explicar a Divindade pela linguagem humana. Foi baseado nestas explicações de Santo Agostinho que se organizou o chamado Credo de Santo Atanásio, embora tivesse sido escrito depois da morte dele, no século V, no Norte de África, por Vigílio de Tapsus, segundo afirma o historiador Neander na sua História dos Dogmas, pág. 309. É este o Credo adoptado ainda hoje pela Igreja de Roma e várias outras:

## Credo de Santo Atanásio

«Quem quiser ser salvo deve, acima de tudo, e sob pena de condenação eterna, seguir a Fé Católica que consiste em adorar um Deus único na Trindade e a Trindade na unidade, sem confundir as Pessoas e sem dividir a substância. A Pessoa do Pai é uma, a do Filho outra e a do Espírito Santo ainda outra; mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo formam um único Deus. Têm elas uma glória igual e uma majestade coeterna; o que é o Pai, é o Filho e é o Espírito Santo. O Pai é incriado e de igual modo são o Filho e o Espírito Santo. O Pai é imenso e igualmente são o Filho e o Espírito Santo. Pai, Filho e Espírito Santo são eternos. No entanto não há três eternos mas um único eterno. Não há três incriados, nem três imensos mas um só. Assim como o Pai é onipotente, assim são onipotentes o Filho e o Espírito Santo. Não há porém três onipotentes, mas um só. De modo igual o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus. Não há porém três Deuses mas um único. O Pai não recebeu existência de nenhum ser; não foi criado nem engendrado. O Filho existe só pelo Pai; não foi feito nem criado mas engendrado. O Espírito Santo não foi feito, nem criado nem engendrado pelo Pai e pelo Filho mas procede do Pai e do Filho. Há um único Pai e não três; um único Filho e não três; um único Espírito Santo e não três. Nesta Trindade não há passado nem futuro; não há maior nem menor; mas as três pessoas completas são coeternas e coiguais. De modo que, como foi dito, a unidade deve ser venerada na Trindade e a Trindade na unidade.»

Os cristãos do Oriente mantiveram que o Espírito Santo só procedia do Pai. Os séculos decorreram e a separação entre Romanistas e Cristãos-gregos manteve-se da mesma maneira que a rivalidade entre o Império do Ocidente e o do Oriente. Os Gregos eram ciosos da sua superioridade intelectual e teológica. A civilização estava centrada na Ásia Menor e no Egipto. O cisma entre as



# notícias do campo

## AS NOSSAS VISITAS

### Daniel Cordas

Vindo de Angola, onde tem estado a trabalhar no Campo Missionário e no Instituto do Bongo, encontra-se entre nós, desde o mês de Março, o pastor Daniel Cordas, com a sua esposa, três filhos e ainda a sua mãe, viúva do pastor Francisco Cordas. Desejamos aos nossos irmãos uma boa estadia em Portugal, assim como o melhor êxito nos estudos que o pastor Cordas vai empreender.

### Nino Bulzis

Vindo da Suíça para tomar parte em Cursos de Dirigentes M. V. em diversas igrejas de Portugal, esteve connosco, de 7 a 17 de Março, o pastor Nino Bulzis, director do Departamento M. V. da Divisão, cuja presença constituiu sempre grande animação e estímulo para a nossa juventude.

### Michele Buonfiglio

Também com a mesma finalidade e vindo da União Sul-Europeia, onde ocupa o cargo de director do Departamento M. V., esteve connosco o Dr. Michele Buonfiglio, prolongando a sua presença até 23 de Março, a fim de dar o seu valioso concurso ao Encontro de Estudantes Adventistas que se efectuou em Coimbra.

### Jean Flori

Como convidado de honra para o Encontro de Estudantes Adventistas, chegou no dia 20 de Março o Dr. Jean Flori, professor no Seminário de Collonges, França. As suas exposições e mensagens foram de grande oportunidade para a nossa juventude académica.

### Roberto Badenas

Na mesma altura, esteve também entre nós o Dr. Roberto Badenas, professor do Seminário de Sagunto, Espanha, para dar a sua apreciada contribuição ao referido Encontro de Estudantes.

### Samuel Monnier e Peter Kunze

De passagem para a Missão de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, estiveram connosco, nos primeiros dias de Abril, os pastores Samuel Monnier e Peter Kunze, respectivamente presidente e secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia. Os dois irmãos procuraram inteirar-se dos nossos problemas locais, encorajando-nos nas campanhas evangelísticas em curso e nos planos para o estabelecimento da nossa escola secundária.

### M. Reader e E. Killian

Os pastores Marvin Reader e Erwin Killian, directores dos Departamentos de Comunicações, respectivamente da Conferência Geral e da Divisão Euro-Africana, no regresso dum viagem a Viena de Austria, onde tomaram parte em preparativos para a próxima sessão da Conferência Geral, visitaram durante alguns dias o nosso país. Tiveram contactos com várias das nossas igrejas, onde procuraram incentivar o trabalho da Rádio e de Relações Públicas, ramos da sua especialidade e que cada dia se tornam mais importantes na divulgação da nossa Mensagem. No Sábado 12 de Abril, M. Reader dirigiu a palavra na Igreja de Lisboa e E. Killian na Igreja de Setúbal.

## NOTÍCIAS DE ESPINHO

O Sábado 8 de Março foi de tão grande inspiração e alegria na Igreja, com a presença do pastor Benito Raymundo, que esta se propagou ao domingo dia 9, o segundo dia de saída para a campanha das missões.

Eram 8 horas e já estavam na igreja, prontas a sair para fazer este belo trabalho, cerca de 60 pessoas, com 12 carros. Estava presente também o pastor Raymundo, que muito nos ajudou e animou.

Penso que seja inédito na nossa Associação. Pois pasmem!... fizemos 29 000\$00, com os dinheiros feitos também em Oliveira de Azeiteis. Isto não obstante estar um dia de chuva. Quando saímos estava a chover, e mesmo no campo de trabalho sempre andámos debaixo de chuva, com algumas aberturas, é certo.

Como toda a gente se mostrava contente quando foram anunciados os resultados.

No primeiro domingo de Março, grande parte da igreja se reuniu para fazer a primeira saída, mas a chuva era tanta que nos impediu; e, com bastante mágoa, voltámos todos para casa, sem nada ter feito. Mas o pastor Benito Raymundo tinha animado a todos dizendo que, ainda que chovesse, teríamos que sair, e assim foi. Desta vez a chuva não conseguiu desanimar-nos, bem como os irmãos de Oliveira, e saímos e fizemos esta maravilhosa quantia. Confesso: eu fiquei surpreendido.

Quando soube do nosso alvo e do aumento do preço da revista, pensei que iríamos ter dificuldade em alcançar o alvo muito depressa. Não no sentido de o alcançar, porque em Espinho, ou melhor, na Igreja de Espinho, os irmãos são fortes. Nada temem e, como um só, tomam a responsabilidade do seu dever, e vai mesmo!!!

No segundo domingo, também debaixo de chuva, mas animados ainda com as palavras do pastor Benito Raymundo, saímos ao trabalho, e mesmo assim fizemos cerca de 12 contos de vendas de revistas. Agora falta-nos apenas 5 contos. Não estamos nada preocupados. Não é isto maravilhoso?

Recebemos carta do nosso prezado irmão Álvaro Oliveira, que está colportando na Ilha da Madeira, e ele pede que digamos o que se passou por cá, pois ele sabe do que é capaz a sua Igreja de Espinho. Certamente que estas palavras o irão alegrar e Deus permita que vão estimular alguns irmãos que estejam mais receosos.

A revista vende-se muito melhor do que quando era a 5\$00 ou 7\$50, com a vantagem de se alcançar mais rapidamente o alvo, porque é maior o quantitativo que se recebe por cada uma. E ainda acrescido da ideia que desta vez é para nós, isto é, para o nosso campo que estamos a trabalhar, para a nossa escola secundária.

Irmãos, vamos ao trabalho! Não desanimem. Avante, que o Senhor está connosco.

Quanto a baptismos, não estamos este ano nada famosos, mas estou certo de que os nossos irmãos vão tomar consciência disto é que o nosso alvo se alcançará.

# UMA HISTÓRIA QUE MERECE SER CONHECIDA

Era uma vez... uma Revista que nasceu entre a juventude MV da Igreja da Amadora. Como alguns bebês também ela nasceu franzina, hesitante e até com bem poucas possibilidades de sobrevivência.

Foram seus progenitores três bravos jovens: a Ermelinda Polme, o José Manuel Polme e o António Amado. Nasceu com duas folhinhas apenas, simpáticas e bem ilustradas que, apesar de estarem confinadas ao placar do salão dos jovens onde eram pregadas semanalmente, não escaparam à atenção doutros jovens, entre os quais o director local dos MV: o Jorge Pires.

Partindo deste simples começo imediatamente se fizeram planos, se traçaram projectos e, reunidos esforços, logo se começou a trabalhar para que aquela débil recém-nascida recebesse alimento forte, bem apaladado, que a tornasse capaz de aparecer em público e, para tanto, até se lhe deu um nome: «OPINIÃO».

«OPINIÃO» era agora uma menina cuja existência representava já milhentos sacrifícios levados a cabo por um grupo de jovens que a nada se poupavam para lhe conservar a vida. No 2.º número publicado leio o nome dos pioneiros que, abnegadamente, trabalharam

Esperamos que o Senhor nos ajude como até aqui e pensamos, já no próximo Sábado, entregar ao nosso Deus 5 preciosas almas. E certamente esta primeira reunião de baptismos será o rastilho para uma outra a realizar, esperamos que muito abundante, no fim de Acção 75.

Como nos alegraríamos se, quando fôssemos a Viena de Áustria, já tivéssemos ao menos metade do nosso alvo alcançado. O Senhor atenderá ao nosso desejo. Os nossos irmãos de Espinho estão ao trabalho e cientes da sua responsabilidade. Seja louvado o santo nome de Deus por tudo quanto nos deu e em que nos ajudou.

**Adelino Nunes Diogo**



Opinião — Presença — Entusiasmo

em prol de «OPINIÃO»: Jorge Pires, Joaquim Rodrigues, Rogério Rosa, José Manuel Polme, Goreti Nunes, Fátima Ferreira, Ilda Duarte, Luís Rosa, António Júlio, António Amado, Luís Ribeiro, Armando Cottim. Mais tarde outros vieram juntar-se, como o José Augusto e o David Duarte.

As primeiras vezes que «OPINIÃO» se mostrou em público era uma criança muito modesta. Cobria-se com uma capa impressa algures numa tipografia, coisa barata, e as suas vestes interiores eram pobres e passadas ao multiplicador. Mas com toda aquela modesta aparência, por cada vez que saía à rua representava um sacrifício enorme: mais de 100 horas de ardoroso trabalho para que pudesse ser vestida!

E o mês de Agosto, o mês do belo Acampamento MV da Costa de Lavos. Que bela oportunidade para «OPINIÃO» ser apresentada a todos para quantos ela vive! Certa manhã, ao levantar-se, todo o campista ficou alarmado, pois os seus olhos, a não ser no céu, em nada mais podiam colocar-se que não fosse em pedaços de papel com a palavra impressa: OPINIÃO. Os rapazes da equipa desta Revista ali

se haviam deslocado e perdido quase toda a noite de Sábado para Domingo na colocação profusa daqueles pedaços de papel que lhes eram símbolo de trabalho, de lutas e de amor.

Bela propaganda a que até o «Marinho» deu óptimo contributo no seu constante grito: OPINIÃO! OPINIÃO! Bem hajas, Marinho!

Foi naquele Acampamento que nasceu o propósito de dar a OPINIÃO uma melhor roupagem. Tão pretendida e acarinhada se viu que se tornou mais ousada e menos modesta.

Um motivo imperioso obrigou os autores a fazerem um rebaptismo do seu «Bebé», e assim a menina OPINIÃO é hoje uma bonita jovem que se chama «PRESENÇA». Com seu nome novo tornou-se mais rica, mais cortejada e veste melhor. Mas que sacrifícios para aqueles que a sustentam e a vestem!

É preciso trabalhar com afinco. Roubar ao descanso, cada noite, muitas horas. Vezes há que, para alguns, até o tempo da refeição é absorvido; saindo do emprego ou das aulas, entram no gabinete onde menina PRESENÇA os aguarda cheia de exigências que crescem dia após dia.



Tanto trabalho para «vestir» e «alimentar» Presença

Falei no «gabinete». Sim. PRESENÇA tem um gabinete. Venham vê-lo para saber como ali se trabalha. Que dedicação, que amor, que ordem ali se admiram! Tudo está no seu lugar, tudo a postos, todos ao trabalho. Ali há tudo. Tudo menos um relógio. Não faz falta, o tempo ali não conta, conta apenas o desejo de bem servir através de PRESENÇA. Para melhor o conseguir, os jovens da Amadora procuram a colaboração de elementos válidos jovens e não jovens, doutras igrejas, tais como o Pastor António Dias Gomes, José Manuel Ferreira, Luís Carlos Beato, Carmem Sala e outros que desejam e por quem esperam.

Com seus próprios recursos compraram uma máquina de passar filmes e vão de igreja em igreja ao seu alcance passar filmes culturais, recebendo o auxílio de ofertas voluntárias. Promovem excursões da igreja local, procurando algum lucro para a PRESENÇA e estão imaginando processos futuros, processos novos, processos surpresa para melhorar e engrandecer a sua Revista; foram de igreja em igreja, do norte ao sul do país, em busca da simpatia e apoio dos Pastores, dos Irmãos, à sua própria custa, porque eles não querem que a sua «filha» morra.

Falámos de sacrifícios e mencionámos apenas trabalho. Este, po-

rém, não é o maior sacrifício. O maior, o que mais assusta os nossos rapazes, o que mais lhes rouba a tranquilidade, é arranjar o processo de alcançar fundos para que a jovem PRESENÇA não enfraqueça, não adoça e à míngua não venha a morrer. Ela fica-lhes muito cara mas eles amam-na. Deram-lhe a vida, pensando em vos servir.

Talvez alguns ignorem o principal objectivo deste empreendimento. Não é somente o de dar aos jovens

mais uma revista para juntar a outras que já possuem mas, e este é que é o mais importante alvo, querem estes rapazes alcançar, com seu labor, meios económicos para ajudar, financeiramente, rapazes e meninas que desejem estudar nas nossas escolas, preparar-se para a Obra e que, por serem pobres, não podem ver realizado o seu desejo. PRESENÇA quer estar sempre presente e preparada para auxiliá-los e, particularmente agora que Deus vai dar-nos uma escola em Portugal, Presença não quer sucumbir sem dar a essa Escola elementos que amanhã sejam obreiros eficientes, graças a Deus, graças ao Mestre e graças a PRESENÇA.

Esta Revista tem encontrado apoio e grande simpatia nos nossos directores da Divisão, da União e da Associação Portuguesa. Nos pastores e membros das nossas igrejas e em muitas pessoas do mundo que nos fazem as mais elogiosas referências. Mas talvez tu que lês, querido Irmão, ainda não conheças a grande amiga dos teus filhos, PRESENÇA. Apressa-te a conhecê-la, a dá-la aos teus amigos, facilitando-nos desta forma a tarefa de ajudar aqueles que hão-de terminar, na Terra, a Obra do nosso Deus.

A Equipa de Presença agradece, antecipadamente, a vossa amizade.

Vosso dedicadamente,  
**JORGE PIRES**



O Pastor Nino Bulzis recebido no gabinete de Presença

**notícias  
do campo**

# AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

MANUEL SALA



Com 81 anos, faleceu, no dia 25 de Janeiro, o irmão Manuel Sala, membro da igreja da Rua Joaquim Bonifácio, Lisboa, mas conhecido em toda a Associação devido às funções que desempenhou na Igreja Central. O irmão Sala deixa profunda saudade em todos os que o conheceram, particularmente nos membros da Igreja de Lisboa, que se habituaram ao seu sorriso simpático que todos os dias de reunião os acolhia.

Também nos jovens de todo o país deixou ele profunda saudade, pois, durante vários anos trabalhou, com boa vontade e dedicação, como cozinheiro dos Acampamentos M. V., pelo que todos o recordam carinhosamente como «Mestre Sala». No seu funeral, um bonito ramo de flores expressava a sentida homenagem de todos os jovens da Associação Portuguesa.

Igualmente as crianças do Externato de S. Paulo (escola da Igreja de Lisboa) sentiram profundamente a morte do «Mestre Sala», que tanta bondade e paciência lhes demonstrava, oferecendo uma linda coroa de flores, tendo muitos dos seus familiares tomado parte no acompanhamento do funeral.

O pessoal dos escritórios da sede associou-se em sentida manifestação de pesar e afecto cristão por esta perda, e lembramos à família enlutada — nossas irmãs Sara (viúva) e Carmen (filha) e ao casal António e Elisabete Sala (netos) — a bem-aventurada esperança da ressurreição, quando nos será dado rever este nosso querido irmão. «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos e as suas obras os sigam» (Apoc. 14:13).

M. Rosa Baptista

## CURSOS DE INGLÊS NO COLÉGIO DE NEWBOLD Verão de 1975

Porque não visita este Verão a Inglaterra? Venha ao Colégio de Newbold, inscreva-se nos cursos de inglês que lhe oferecemos, aprenda mais acerca da sua igreja e da sua obra, e aprecie a «agradável e verde paisagem da Inglaterra».

Peça pormenores a:

Dr. A. J. Woodfield — Summer School Director — Newbold College — Bracknell — Berks. RG12 5AN — Inglaterra.

# caixa de perguntas

Secção a cargo de J. N. Branco

## — O apóstolo Paulo era solteiro, casado ou viúvo?

«Que Paulo era casado não pode ser provado, concludentemente. De acordo com Actos 26:10, Paulo levantou a voz contra os santos, o que tem sido interpretado como significando que era membro do Sinédrio (Ver o livro «Actos dos Apóstolos», pág. 112). Exigia-se que os membros daquela corporação fossem casados... Além disso, é muito natural supor que Paulo, como austero fariseu, não houvesse negligenciado o que os judeus consideravam uma obrigação sagrada: o casamento... Os seus pormenorizados conselhos em I Coríntios 7 indicam profundo conhecimento de problemas causados pelo matrimónio. Parece, portanto, provável que pouco antes de escrever a referida Carta aos Coríntios, Paulo fosse casado.» — **The SDA Bible Commentary**, vol. 6, pág. 707.

\* \* \*

## — Como explicar a existência de instrumentos gregos — cítara, harpa e saltério — na Babilónia? (Daniel 3:5).

Por inscrições cuneiformes do tempo de Nabucodonosor, sabe-se que havia muitos gregos e outros estrangeiros empregados nas construções reais, em Babilónia. Esses pedreiros, carpinteiros e artesãos introduziram, decerto, em Babilónia os instrumentos musicais da sua terra, e que até então eram desconhecidos em Babilónia.

\* \* \*

## — Gostava de saber se as outras denominações religiosas, que possuem, apenas, parte da Verdade, estão ajudando a cumprir o que se lê em S. Mateus 24:14.

A pregação do Evangelho por parte de outras igrejas pode constituir um cumprimento parcial dessa profecia, mas não a sua totalidade. De acordo com Provérbios 4:18, «a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais, até ser dia perfeito». A verdade de Deus que foi lançada por terra, na Idade Média (Daniel 8:12), devia ser restaurada, e essa restauração encontra o seu cumprimento nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14. Cremos, portanto, que o verdadeiro «Evangelho do reino» a ser proclamado ao mundo inteiro é o «Evangelho eterno» pregado por Cristo, pelos apóstolos e pela Igreja Remanescente.

No entanto, para quem não tiver oportunidade de ouvir esse Evangelho mais completo, o que aprender da Palavra de Deus por intermédio de pessoas de outras denominações religiosas, servirá de base para avaliar a sua vida, no dia de juízo. Não será, decerto, responsável, pela luz que não recebeu. Talvez nesse sentido possam ser aplicadas as palavras de Paulo aos Filipenses 1:15-18.

OS SEUS OLHOS estavam abertos, mas aparentemente ela não via ninguém, não ouvia nada. Viam-se-lhe fundas rugas na testa e nas faces. Passaria perfeitamente por uma centenária.

— Pobre velhinha! Parece tão doente, — observei quase em segredo a uma enfermeira que entrava no aposento.

— Não tem nada de especial, apenas a idade. Já tem 92 anos.

— Noventa e dois! — exclamei. — Com certeza que tem mais do que isso. Essa é a minha idade.

— É só realmente o que ela tem, — replicou. — A senhora é uma exceção!

Fiquei a pensar o que a teria tornado tão frágil e desamparada. Talvez durante algum período da sua vida tivesse sofrido anos de doença. Essa tinha sido a minha experiência em anos passados. Ou talvez tivessem sido inúmeras dificuldades. Essa

Senti sufocar-me de emoção e dirigi-me apressadamente ao meu quarto.

Na manhã seguinte, enquanto reflectia nos acontecimentos da véspera, tive a notícia de que a doentinha que eu tinha ido ver falecera durante o seu sono.

Nos lares para idosos há muitas pessoas ainda capazes de fazer pequenas coisas que os ajudariam mental e fisicamente se tomassem interesse nelas. Mas, não tendo nenhum incentivo para experimentar, deterioram física e mentalmente. Desistem. É confrangedor vê-las apaticamente sentadas a olhar para o chão, curvadas numa cadeira, com o queixo encostado ao peito, gastando o seu tempo a dormir.

Lembro-me muito bem de ver, nos anos da minha juventude, mulheres idosas fazerem croché, tricô, rendas, aplicações, e os homens de idade talharem apitos e outros pequenos artigos, toca-

# BEIJEI - A

havia também sido a minha sorte. Perda das pessoas mais queridas? Essa angústia sofrí-a eu. Quem sabe se, como tantas outras pessoas, apercebendo-se da sua idade e sentindo chegar as enfermidades da velhice, ela havia perdido todo o interesse, pensando não haver nada mais a fazer do que esperar.

A enfermeira deixou o quarto e ficámos sozinhas. Senti inundar-me por uma onda de compaixão e, com lágrimas que quase me não deixavam ver, acariciei-lhe o cabelo, as faces, a sua mão. Reparei que ela apreciava as minhas carícias. Curvei-me e beijei aquela testa enrugada. Estava a fazer-se tarde e, com um aceno da mão, preparei-me para deixá-la.

— Boa noite, querida! — disse.

Vendo que os seus lábios se moviam, curvei-me para ouvir um quase imperceptível — Boa noite! — ao mesmo tempo que a sua mão enfraquecida procurava esboçar um aceno de adeus.

rem harmónica e até fazerem rede. A vida é hoje muito diferente, no entanto eu sei que a vida dos velhos pode ser iluminada por um pouco de atenção e bondade, um sorriso, uma palavra amigável acompanhada de um pequeno toque, um beijo na testa ou na face. Estas coisas fazem muitas vezes aparecer um sorriso num rosto abatido quando dele nos aproximamos.

Oh, quantos sentem ardentemente a falta de um pouco de amor! Talvez se encontre na vossa casa alguém definhando por falta daquilo que apenas vós podeis proporcionar. Não espereis até que seja demasiado tarde. Não dediqueis aos idosos unicamente a atenção que é necessária. Esse é o nosso dever, mas também o são os pequenos actos de bondade. Fazei-o de coração, e o vosso próprio coração se encherá de alegria. Esperai até que seja tarde demais e tereis de beber o cálice da amargura — o remorso amargo como fel.

**Margaret Locke**